

O simbolismo do anel: a representação do imperialismo europeu (1870-1914) na obra *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R Tolkien

André Mascarenhas Pereira

Licenciado e Bacharelado pela PUC Minas. Mestrando em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais. e-mail: andmascarenhas@yahoo.com.br

Leandro Alves Lopes

Licenciado e Bacharelado pela PUC Minas.
Professor de História da Rede Municipal em Contagem, Minas Gerais.
e-mail: alveslopes@pop.com.br

Lucas Lacerda Lima

Licenciado e Bacharelado pela PUC Minas. e-mail: lucas.lacerdalima@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo comparar a obra de J. R. R Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, com o Imperialismo europeu do período entre 1870-1914. Pretende-se analisar como o contexto histórico condiciona, mesmo que sob forma indireta, as representações que os indivíduos criam sobre o mundo social. Os eventos ocorridos especificamente na Europa na virada do século XIX para o XX, como a expansão e tensão entre países e a consequente Primeira Guerra Mundial constituem-se como elementos que influenciaram o escritor na elaboração de seu livro, uma vez que a realidade social provoca reações distintas sobre os sujeitos históricos.

Palavras-chave: 1. Imperialismo. 2. *O Senhor dos Anéis*. 3. Tolkien.

Abstract: The present paper aims at comparing J. R. R. Tolkien's *Lord of the rings*, with the European imperialism from 1870 to 1914. The objective is to analyze how the historical context determinates even indirectly the representations that individuals create about the social world. The events occurred specifically in Europe from the end of the 19th century to the beginning of the 20th century, such as the tension among countries and the consequent First World War, constitute elements that influenced the writer in the composition of the book, because social reality provoke different reactions among historical individuals.

Keywords: 1. Imperialism. 2. *Lord of the Rings*. 3. Tolkien.

Introdução

Para relacionar o Imperialismo Europeu no período de 1870-1914 com o livro *O Senhor dos Anéis*¹, de J. R. R. Tolkien, faz-se necessário constatar os aspectos que ca-

¹ Para a realização deste artigo foram analisados os três volumes da obra de J.R.R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis: Volume 1: A Sociedade do Anel, Volume 2: As Duas Torres, Volume 3: O Retorno do Rei*. TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 3v. Além destes, foi consultada a biografia do autor. Ver em: WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

racterizaram a sociedade de tal período e que simultaneamente influenciaram o autor na construção de sua obra. A análise contextual do período a que se refere o presente artigo foi realizada por meio do estudo da obra de Hobsbawm (1988), *A Era dos Impérios*.

Para Hobsbawm (1988) o período que marcou o fenômeno do Imperialismo se caracterizou por potências capitalistas como um centro avançado de desenvolvimento que expande sobre outras regiões periféricas do globo terrestre. Esta expansão se deu em vários aspectos, do qual o Imperialismo foi uma estratégia dos países capitalistas europeus para alcançar hegemonia mundial por meio da dominação de cunho econômico, político e cultural sobre as demais nações periféricas a fim de garantir a captação e acumulação de riquezas.

John R. R. Tolkien e o contexto imperialista europeu

Hobsbawm (1988) observa que este foi um período de profundas transformações, calcando a formação substancial do pensamento contemporâneo moderno. As mudanças abruptas na tecnologia, na sociedade, na economia e na política alteraram potencialmente as estruturas do cenário mundial. John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) viveu sob este contexto em que o mundo foi palco de todas estas reconfigurações. Desta forma o autor absorveu e interpretou aspectos destes processos, nos quais as pessoas ativas ou adultas no período de 1880 a 1914, foram intensamente influenciadas por este período. Não se pode, entretanto, afirmar que Tolkien não tenha assimilado nenhum aspecto de seu mundo social ao elaborar *O Senhor dos Anéis*.

A comparação que se pretende obter entre a obra de Tolkien e o Imperialismo se estabeleceu a partir da identificação dos mecanismos de disputa pelo poder hegemônico e dos atores que estão inseridos em ambos os processos. Esta busca pelo poder e pela supremacia é vigente tanto no livro do escritor quanto no processo histórico ocorrido no período de 1870-1914. A análise de Max Weber, citada por Hobsbawm, sintetiza como o Imperialismo foi um processo de expansão e disputa pelo poder hegemônico mundial:

Apenas uma confusão política completa e um otimismo ingênuo podem impedir que se reconheça que os esforços inevitáveis em favor da expansão comercial de todas as nações civilizadas, sob controle da burguesia, após um período de transição de concorrência aparentemente pacífica, se aproxima nitidamente do ponto em que apenas *o poder* decidirá a parte que caberá a cada nação no controle econômico da Terra e, portanto, a esfera de ação de seus povos [...] (WEBER, *apud* HOBSBAWM, 1988, p. 87).

Portanto, J. R. R. Tolkien, que nasceu no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1892, vivenciou grande parte deste contexto, chegando a participar da I Guerra Mundial, conflito resultante desta concorrência pela hegemonia econômica e política das nações europeias. Tolkien ingressou no corpo de fuzileiros e partiu para combate nas trincheiras da França de julho de 1916 ao início de 1917.

No prefácio do primeiro volume da obra, *A Sociedade do Anel*, J. R. R. Tolkien alegou que não teve propósito algum de relacionar sua obra com a sociedade em que viveu: “Quanto a qualquer significado oculto ou mensagem, na intenção do autor estes não existem. O livro não é nem alegórico, nem se refere a fatos contemporâneos” (TOLKIEN, 1954, p.12-13, v.1). Argumentando contra a ausência de intencionalidade, Burke (2004) constata que por mais involuntário que se pretenda escrever uma obra literária, inevitavelmente está impregnada por aspectos da realidade social em que foi concebida. Usando o argumento de Buckhardt, Burke ressalta:

Seu argumento em favor do testemunho involuntário também é convincente: testemunhas do passado podem nos dizer que não sabiam que sabiam. De qualquer forma, não seria correto supor que, digamos, os romances e as pinturas sejam sempre desinteressados, livres de paixão e de propaganda. Como seus colegas de história política ou econômica os historiadores culturais têm que praticar a crítica das fontes, perguntar porque um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação (BURKE, 2004, p. 33).

Sevcenko (1995) reitera que “os fenômenos históricos se reproduziram nos campos das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir” (1995, p.237). Estes modos originais de manifestação se expressam na obra de Tolkien como sua maneira de transfigurar os elementos que absorveu do mundo. Para ele, o autor literário traz consigo toda uma carga contextual com características de seu meio social. Entretanto, a obra literária é uma fonte de pesquisa, pois se associa a um contexto agregada de elementos de sua época. Para Chartier (1990), a realidade ou o mundo social condiciona os indivíduos a suas formas de representações e práticas. Portanto, as percepções do mundo social permitem que um autor possa ser interpretado a partir do contexto no qual sua obra foi produzida, considerando tais representações do mundo social construções determinadas pelos interesses de indivíduos que as forjam. Portanto, as obras se estabelecem como reações culturais, das quais “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

O livro de J. R. R. Tolkien, como obra literária, narra a história de vários povos fictícios na disputa do poder exercido por *Um Anel*, sobre o território ao qual o autor denominou como *Terra Média*. Ele coloca que o portador deste *Um Anel*, forjado pela entidade denominada como *Sauron*, teria grandes poderes e governaria sobre todas as raças, mas este anel consumiria principalmente os seres que não tivessem forças para usá-lo. Por meio do *Um Anel*, este ser *Sauron* subjugaria todos os povos sob seu domínio.

Michael White (2002), autor de uma das várias biografias de Tolkien, afirma que sua obra não pode ser caracterizada como um simples escapismo, mas fruto de sua vivência trazendo aspectos de sua sociedade para a construção do livro *O Senhor dos Anéis*. Mesmo que o autor não desejasse, suas concepções só podem se basear na sua realidade, pois suas referências eram calcadas nas imagens de sua época, sintetizadas com suas influências literárias a partir das quais ele transpôs seu imaginário para seus livros.

No período do Imperialismo, o mundo se dividia em um contraste severo entre as civilizações rudes de um lado e as modernas de outro (HOBSBAWM, 1988). Neste período existiam sociedades predominantemente agrárias vivendo de tradições centenárias, e de outro lado existia uma sociedade urbana que impunha seu modelo civilizador. Estas personagens criadas por Tolkien simbolizam este contraste entre a emergência de um mundo modernizador e as sociedades rurais e campestres². Muitas pessoas que ainda estavam em uma vida predominantemente rural não conseguiram assimilar facilmente estas mudanças drásticas na tecnologia e na cultura que se modernizava. Tolkien, no prólogo do primeiro volume de sua obra, testemunha sobre as emergentes mudanças que rapidamente alteravam o mundo:

O lugar em que vivi na infância estava sendo lamentavelmente destruído antes que eu completasse dez anos, numa época em que automóveis eram objetos raros (eu

² Para E.P. Thompson, desde o final do século XVIII, na Inglaterra, os costumes das classes populares passam a ser definidos como ações rudimentares, resquícios de um passado rústico, das quais as classes burguesas progressistas tentam impor sua lógica racionalista nas sociedades. Ver em: THOMPSON, 1998.

nunca tinha visto um) e os homens ainda estavam construindo ferrovias suburbanas (TOLKIEN, 1944, p. 14, v. 1).

Tolkien viveu em um período de transição marcado por rupturas e permanências. As reformas urbanísticas e a industrialização irrompiam na Europa ocidental no final século XIX e início do século XX. Este processo esmaeceu a relação interdependente, isto é, a complementaridade entre cidade e o campo. Dentro desta dinâmica da modernidade, estas cidades se polarizaram como centros políticos e econômicos, incorporando gradualmente o mundo rural que se fragmentava cada vez mais diante da era urbana. Nesta passagem do livro é possível fazer uma alusão às transformações testemunhadas por Tolkien, em que o mundo campestre abundante de natureza e habitado por tradições e costumes rurais se fragmentava diante da urbanização e do progresso:

Mas depois a Grande Escuridão chegou, e eles foram para longe através do Mar, ou fugiram para vales distantes e se esconderam, e fizeram canções sobre tempos que jamais voltariam. Nunca mais. É sim, houve um tempo em que só havia uma floresta, daqui até as montanhas de Lun [...]. As florestas eram como a floresta de Lothlorien, apenas mais densas, mais fortes, mais jovens. E o aroma do ar! Eu costumava passar uma semana só respirando (TOLKIEN, 1944, p. 65, v. 2).

Tolkien absorveu tais processos de maneira distinta: não formulou uma crítica política contra as modernizações capitalistas, mas, sim, um saudosismo romântico de períodos menos turbulentos, uma repulsa às grandes indústrias e ao seu operariado. Depois do fim da I Guerra, o autor dedicou sua carreira profissional como membro do conselho editorial do *New English Dictionary*, que passou a ser chamado posteriormente de *Oxford English Dictionary* (KYRMSE, 2003). Em 1920, dedicou-se também à formação acadêmica, assumindo um cargo de docência na Universidade de Leeds. Em 1926 assumiu a vaga de catedrático na Universidade de Oxford. Professor de uma renomada instituição, Tolkien não era um empreendedor industrial nem um típico clássico do capitalista burguês, mas pertencia a classes abastadas, parte de uma pequena burguesia intelectual³ como professor de literatura anglo-saxônica na Universidade de Oxford de 1926 a 1945, e de literatura inglesa na mesma universidade, de 1945 a 1959.

O escritor vivia em um pitoresco subúrbio afastado das áreas mais industrializadas de sua região, em Nothmoor Road, Oxford. Em um ambiente semelhante aos vilarejos campestres da Inglaterra, Tolkien adotou um estilo de vida que Hobsbawn (1988) identificou em grande parte da burguesia inglesa no início do século XX. Diante da expansão urbana e do crescimento da classe operária nas grandes cidades industriais, muitos burgueses preferiram se isolar em subúrbios mais isolados das classes marginalizadas em casas de campo:

A casa ideal, para a classe média, já não fazia parte de uma rua de uma cidade, uma “casa” de cidade, nem seu substituto, o apartamento em um grande edifício de frente para uma rua da cidade e pretendendo ser um palácio; era uma casa de campo urbanizada, ou, antes suburbanizada (uma villa ou mesmo um cottage) num parque ou jardim em miniatura, rodeado de verde. Iria se revelar como um ideal de vida imensamente poderoso [...] (1988, p. 235).

³ A formação da burguesia intelectual e as legitimações ideológicas de classe são objetos do clássico estudo de Antonio Gramsci. Ver em: GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

O ponto de vista de Tolkien foi condicionado devido a sua experiência como veterano da Primeira Guerra Mundial. Este evento criou uma descrença no autor sobre o desenvolvimento tecnológico como mecanismo de dominação e destruição dos homens, suas culturas e tradições. Com esse pensamento, ele coloca o problema da tecnologia no âmago de *O Senhor dos Anéis: O Um Anel* é o instrumento de poder absoluto (WHITE, 2002).

O livro – agora *O Senhor dos Anéis* – já era claramente uma obra para adultos, com suas alusões a corrupção que o poder acarreta, ao papel dos pequenos e insignificantes nos grandes eventos do mundo e com suas cenas de batalha. Estas eram frutos da experiência de John Ronald na Grande Guerra (KRYMSE, 2003, p. 13).

No ambiente construído em seu livro, ele relaciona o *Um Anel* como objeto que gerou devastação entre os povos, e isso remonta ao período em que o avanço tecnológico destoou de forma acelerada das demais épocas, devido à necessidade das grandes Nações em alcançar uma tecnologia como instrumento de exercer poder e dominação. Essa visão saudosista e romântica do autor sempre resistente a tecnologias embasava-se em sua crença de que a dominação e controle que a tecnologia moderna exerce sobre o ser humano e como ela seria prejudicial aos bosques e campos que tanto venerava:

Está tramando para se transformar num poder. Têm um cérebro de metal e rodas, e não se preocupam com os povos que crescem, a não ser enquanto o servem. [...] Ele e seu povo sujo estão devastando tudo agora. Lá embaixo nas fronteiras, estão derrubando árvores – árvores boas. Algumas eles apenas cortam e deixam apodrecer – isso é serviço dos orcs; mas a maioria delas são derrubadas e levadas para alimentar as fogueiras de Orthanc. Vejo sempre uma fogueira subindo de Isengard nos últimos tempos (TOLKIEN, 1944, p. 70-71, v. 2).

No que tange ao o Imperialismo Europeu, este processo foi uma demarcação do avanço tecnológico, com a irrupção de invenções que transformaram permanentemente o mundo. A ciência e a tecnologia moderna firmaram suas estruturas durante este período, que rompe definitivamente com os moldes do passado; para Hobsbawm (1988), o período que se prolonga a partir de 1880, se configura entre “dois setores que, combinados, formam um sistema global: o desenvolvido e o defasado.” (1988, p. 33). Outro aspecto em que é possível inferir a semelhança entre o Imperialismo e o livro de Tolkien é sobre a raça a qual ele denominou de *hobbits*; povo que vivia em condados rurais com uma vida campestre, relutantes a tecnologia:

São um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que hoje em dia. Amam a paz e a tranquilidade e uma boa terra lavrada; uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito. Hoje, como no passado, não conseguem entender ou gostar de máquinas, mais complicadas que um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual, embora sejam habilidosos com ferramentas. Mesmo nos tempos antigos, eles geralmente se sentiam intimidados pelas *Pessoas Grandes*, que é como nos chamam e atualmente nos evitam com pavor e estão se tornando difíceis de encontrar (TOLKIEN, 1944, p. 1, v. 1).

Sobre estas passagens do livro, verifica-se certo conservadorismo por parte do autor. Seu repúdio às transformações sociais e tecnológicas, por exemplo, significam de certa forma, a incompreensão frente às mudanças, e a volta para um período do passa-

do do qual ele idealizava. No contexto em que Tolkien se inseria, o contato entre povos e culturas étnicas diferentes se tornava cada vez mais intenso, e nele os brancos se confrontavam com “as massas de negros, pardos talvez, sobretudo amarelos.” (HOBSBAWN, 1988, p. 122). O ideário civilizador, que tinha como referência o modelo europeu acentuava o etnocentrismo e a crença de superioridade racial. Este etnocentrismo pode ser detectado no seguinte trecho da obra de Tolkien:

Caras escuras. Nunca tínhamos visto homens como esses antes, não, Sméagol nunca viu. São cruéis. Têm olhos negros, e longos cabelos negros, e argolas de ouro nas orelhas; sim, um monte de ouro bonito. E alguns têm tinta vermelha nas faces, e capas vermelhas; e levam bandeiras vermelhas, e vermelhas são as pontas de suas lanças; e tem escudos redondos, amarelos e negros com grandes cravos. Não são bonzinhos; parecem homens muito, muito cruéis. Quase tão maus quanto os orcs, e muito maiores. Sméagol acha que eles vieram do sul, de além do fim do grande Rio (TOLKIEN, 1944, p. 258, v. 2).

O Senhor dos Anéis como símbolo

Para compreender *O Senhor dos Anéis* como simbolismo metafórico do Imperialismo, foi utilizado o conceito de imaginário social por meio da abordagem de Baczko (1985), para correlacionar aspectos consistentes no livro com o período abordado.

Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns (BACZKO, 1985, p. 309).

Para Baczko (1985), o imaginário social se estrutura por meio da experiência dos agentes sociais, assim como seus desejos, aspirações e motivações. O imaginário então seria, a partir de uma explicação etimológica, nada mais do que “um conjunto ou coleção de imagens, e não de imaginação, embora ambos sejam correlatos [...]. Imaginário pode então ser associado a uma idéia de um museu, um repertório de imagens, produzidas pelo homem ou ainda por se produzirem” (TEIXEIRA, 2003, p. 21). Esta é uma síntese deste processo, que se constitui por intermédio da influência do mundo social com o imaginário, ou conforme Teixeira (2003), apresenta-se como “resultado de fusão dialética entre imagem e imaginação, pois a criação de imagens pressupõe o uso da imaginação” (*idem*, 2003, p. 22). Tanto a história quanto a literatura são o tempo todo remetidos a questões como o símbolo, o imaginário, a verdade, o conhecimento e a memória.

A relação que foi feita entre o Imperialismo e o livro *O Senhor dos Anéis* foi realizada mediante a reflexão sobre o ponto central do enredo do livro, que é sintetizado pela disputa do *Um Anel*. Para isso foi utilizada a metodologia de semiótica, na qual o signo se expressa como significado. A seguinte passagem da obra de Tolkien exemplifica o significado que o anel representa como objeto de dominação e poder:

Três anéis para os Reis Elfos sob este céu, Sete para os Senhores Anões em seus rochosos corredores, Nove para Homens mortais fadados ao eterno sono, Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono. Na Terra de Mordor onde as Sombras se

deitam. Um Anel para todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para todos trazer e na escuridão aprisioná-los. Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam (TOLKIEN, p. 52, 1944, v. 1).

O signo objetiva mais que o símbolo pode fazer, e cada signo está inscrito numa rede de outros signos, só adquirindo seus significados em relação a eles. Em contrapartida, o símbolo designa tanto como o objeto as reações do sujeito perante este objeto; os sistemas de símbolos não têm as coerências próprias às totalidades de signos.

Um signo é uma regra determinante para o seu interpretante. “Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos” (PEIRCE, 2000, p. 73). O símbolo é produzido por meio do processo de produção, de reprodução e de recepção, interdependente de sua interpretação, sendo o sinônimo de imagem. O signo é de relação direta com o objeto – semelhança natural, enquanto o símbolo varia de acordo com a acepção atribuída por uma sociedade. Neste caso o anel é um signo em seu simbolismo, ou o seu sentido muda de acordo com a sociedade na qual se insere. O anel como símbolo, um dos pontos centrais desta investigação, sintetiza todo o processo de disputa pelo poder na literatura do escritor inglês. Esta representação do anel como poder é vista também por outros simbolismos, utilizados por outros escritores além de Tolkien.

A partir dessa constatação percebe-se que os símbolos dependem de quem os interpreta. O entendimento do anel como um signo, como é o caso do presente trabalho, parece ficar então comprometido pela força das determinações dos interpretantes, mas nada impede que esses procurem entender a natureza desses símbolos. Peirce (2000) afirma por outro lado que “os símbolos crescem” e “é apenas a partir de outros símbolos que um novo pode surgir” (2000, p. 73). Ou seja, um símbolo, uma vez que nasce, espalha-se entre as pessoas e é por meio do estudo da natureza desses símbolos e dos traços deixados por ele no passado que se pode perceber as suas mutações e representações.

Uma das visões similares com a de Tolkien⁴ é a história contada por Platão sobre o anel de Gíges. Gíges, usando um anel, descobre casualmente que ele tem o poder de torná-lo invisível. Bastava Gíges virar a pedra do anel para dentro da palma para se tornar totalmente invisível, e virá-la para fora e, assim, ficaria novamente visível. Gíges, que antes era tido como um homem honesto, não foi capaz de resistir às tentações a que esse anel o submetia: aproveitou seus poderes mágicos para entrar no palácio, seduzir a rainha, assassinar o rei, tomar o poder, e exercer esse poder em seu benefício.

Outro exemplo que podemos tomar como referencia é a lenda nórdica do Anel dos Nibelungen, que pode ter sido umas das inspirações de Tolkien ao escrever *O Senhor dos Anéis*. Wotan (Odin) se apodera de um Anel que confere grandes poderes. Wotan, querendo se livrar do anel amaldiçoado, cede-o para os gigantes. A maldição causou logo efeito, pois um dos gigantes mata o outro, e o que restou se transforma em um dragão que passa a guardar o anel. O anel de Nibelungen dá ao seu portador o poder, a dominação sobre a natureza, tornando-se ao mesmo tempo seu amo e escravo.

Considerações finais

O procedimento de interpretação da obra de arte, que é o procedimento metodológico focado neste artigo, não pode ser realizado, portanto, sem a contextualização social e histórica de seu objeto, já que a complexidade de análise é extremamente rigorosa. Existe, no entanto, a complexidade de interpretar a criação artística, já que

⁴ As demais interpretações citadas neste artigo são utilizadas como formas de comparar os Anéis as abordagens que remetem as estes enquanto objetos de poder. Para mais consultas sobre o Anel e seus significados sociológicos, ver em: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995.

este processo pode levar a várias vertentes e abordagens. A obra de arte, assim como seu significado, está exposta a várias interpretações, porém os estudiosos devem sempre relevar sua problematização dentro de seu período histórico e meio social, que é específico e determinante de qualquer produção humana.

Não se pode descartar, portanto, a influência do contexto exercido sobre um agente histórico no qual este se insere. Tolkien, apesar de sua insistência ao comentar que estava negando sua realidade, só teria referências culturais a partir dela. E se ele nega esta realidade, o indivíduo inquestionavelmente admite a sua existência. Se ele teve a intenção de se distanciar ou fugir desta realidade, significa que ela impõe uma forma de influência, assim justificando a elaboração do livro como subterfúgio de seu mundo social.

Referências bibliográficas

BACZKO, Bronistaw. Imáginário Social. *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, vol. 5, p. 296-332.

BURKE, Peter. Problemas da História Cultural, in: *O que é história Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. Introdução, in: *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995.

GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

HOBSBAWM, Eric. J. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KYRMSE, Ronald E. Tolkien: a vida explica a obra, in: *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PEIRCE, Charles S. Ícone, índice e símbolo, in: *Semiótica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 33.

SEVCENKO, Nicolau. História e Literatura, in: *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983

TEIXEIRA, Ivan. Literatura como imaginário: introdução ao conceito de Poética Cultural. *Revista Brasileira*, n.º 37, out.-nov. 2000, pp. 43-92.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WHITE, Michael. A lenda continua viva, in: *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, 306p.

Fontes

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. v. 1.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. v. 2.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. v. 3.